



A BRUXA

UMA REVISTA DE BIOLOGIA CULTURAL

www.revistaabruxa.com

ISSN 2594-8245

Volume 9 agosto 2025



5

Machado Filho, H.O.; Souza, M.L.V.; Santos, T.N.; Souza, J.S.; Sousa, V.S.; Perucchi, V. & Andrade. T.M. 2025. Quintais, roças e jardins no contexto da tradição indígena da Paraíba (Nordeste do Brasil) **A Bruxa 9(5): 57-72.**



Quintais, roças e jardins no contexto da tradição indígena da Paraíba (Nordeste do Brasil)

Hermes de Oliveira Machado Filho^{1*}; Maria Lidianny Vicente Souza¹; Taíza Nunes dos Santos²;
Juscelino Silva de Souza²; Viviane dos Santos Sousa²; Valmira Perucchi¹ & Tânia Maria de Andrade¹

1- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, campus João Pessoa

2- Universidade Federal da Paraíba, campus I, João Pessoa, PB, Brasil

*hermes@ifpb.edu.br

RESUMO

A valorização de espaços coletivos e as práticas ancestrais vêm sendo registradas cada vez mais no Brasil e no mundo, como uma forma de resgate à memória cultural e ambiental. Nesse sentido, este artigo apresenta um *checklist* prévio da flora de jardins e quintais de quatro comunidades indígenas Tabajaras do litoral sul-paraibano, Nordeste do Brasil. Foram registradas 106 espécies distintas no geral. Essas plantas em geral são em sua maioria ervas, com maior proporção de plantas nativas, mas amplamente distribuídas, e com mais de 30 tipos diferentes de indicações para tratamento. Além dessa diversificação de plantas, as composições de espécies por aldeia tendem a ser diversificadas, indicando uma ampla exploração dos recursos vegetais de diferentes grupos botânicos. Esses conhecimentos florísticos são importantes para evidenciar que o conhecimento étnico dessas comunidades resiste em sua identidade, visto que estão inseridas em ambientes urbanos e foram reempossadas recentemente.

Palavras-chave: comunidade tradicional; etnociência; extensão rural.

ABSTRACT

Backyards, farms and gardens in the context of the indigenous tradition of Paraíba (Northeast Brazil)

The recognition of collective spaces and ancestral practices has gained increasing global attention as a strategy to safeguard cultural and environmental heritage. This study documents the flora in home gardens across four Tabajara Indigenous communities on the southern coast of Paraíba State, northeastern Brazil. A total of 106 plant species were recorded, predominantly herbaceous and native (though widely distributed). These species are associated with over 30 distinct medicinal applications, reflecting rich traditional knowledge. Species composition varied significantly among the communities, indicating diverse utilization of plant resources across multiple botanical groups. These findings underscore the resilience and continuity of ethnobotanical practices within these groups, despite their location in urbanized areas and recent territorial reoccupation processes.

Keywords: ethnoscience; rural extension; traditional community.

INTRODUÇÃO

Jardins e quintais residenciais são as áreas externas ao redor de uma casa onde podem ser feitos plantios de árvores, cultivo de grãos, hortaliças, plantas medicinais e ornamentais, além da criação de pequenos animais, e toda essa diversidade pode estar dentro de uma mesma unidade de terra (RONDON *et al.*, 2004). Essas áreas podem ser de vários tamanhos e se prolongar através de roças, porém sempre estarão associadas ao espaço peri-residencial. Tais lugares podem ser construídos a partir do acúmulo e transmissão de informações através de gerações (BARRERA, 1981; ROSA *et al.*, 2007). De acordo com DIEGUES (1996), esses saberes transmitidos são ainda mais relevantes junto às populações tradicionais, tais como as de áreas rurais, onde há menor influência da modernidade de jardins e quintais planejados ou pavimentados. Além disso, formam bancos de germoplasma disponível às pessoas interessadas no

XXXXXXXXXX



intercâmbio de espécies (AMOROZO, 2002).

Nas comunidades tradicionais, os jardins e quintais carregam um simbolismo muito particular, constituindo uma forma de patrimônio cultural, carregados de valores estabelecidos, sejam materiais ou imateriais, e que passam a compor o sistema de crenças do lugar, baseados na ecologia de espécies disponíveis para uso (HONG & ZIMMERER, 2022; MOURA & OLIVEIRA, 2022). Logo, as atividades, os conhecimentos e as memórias de uma comunidade tradicional estão interligadas a esse território particular e de vivência, sendo esse o espaço do qual o indivíduo ou a coletividade se constrói (DURÃES & RAMOS, 2021).

Dessa forma, estudar ambientes tão particulares, como jardins e quintais de uma comunidade tradicional, pode trazer indicadores importantes sobre a existência da relação entre natureza e os sujeitos que dela se ocupam e se há uma correlação entre diversidade de espécies e de usos (RAHMAN *et al.*, 2012; SUJARWO & CANEVA, 2016). Ou se há um esvaziamento dos espaços, principalmente pela lógica da modernidade, que prefere a pavimentação ao contato direto com os recursos naturais, ou seja, a urbanização afetando o conhecimento tradicional de forma a apagá-lo (ARJONA-GARCÍA *et al.*, 2021). Essas duas hipóteses devem ser contrapostas para se entender como está sendo levada a relação homem-natureza nesses espaços, já que o esperado é que tenham uma aproximação com valores mais tradicionais.

A partir do levantamento de floras que compõem jardins, quintais e roçados, pode-se compreender como uma comunidade local concebe e se relaciona com a natureza. Quais são essas espécies mais utilizadas? Quais saberes podem ser extraídos a partir do conhecimento de uma flora local? Esses questionamentos são fundamentais para se entender como um sistema de crenças sociais vive e se torna codependente de um sistema ecológico. Logo, um estudo nessa perspectiva ultrapassa a esfera de uma lista de espécies para um campo de abrangência de identidade local, sendo constantemente ajustado às dinâmicas das gerações, formando um paradoxo de tradição, inovação e conservação (ANDRADE *et al.*, 2011). O mais importante não é apenas levantar nomes científicos de plantas, mas identificar também saberes ancestrais que privilegiam práticas conservadas com espécies nativas. Ou, ainda, se há descontextualização das espécies de plantas do entorno e o uso de espécies exóticas é privilegiado.

Nesse sentido, como pensar sobre jardins e quintais de um povo indígena que foi desterritorializado ao longo de toda sua história e bem recentemente recebem lotes para se reinserir em práticas campestres? Esse é um resumo do que passou o povo Tabajara no litoral sul da Paraíba, Região Nordeste do Brasil. Ressalta-se que o Povo Indígena Tabajara da Paraíba reconhece 2006 como o ano da ressurgência, compreendida como movimento de emergência étnica Tabajara. Naquele ano foram iniciadas as primeiras visitas aos órgãos oficiais e apresentação de documentação. Começaram os estudos técnicos, com levantamento de documentação histórica. Atualmente, depois de duas décadas, encontram-se organizados em quatro aldeias, localizadas no município do Conde, litoral sul da Paraíba.

Vale ressaltar, antropológicamente, que muitos aspectos da história do povo Tabajara foram invisibilizados, sofreram violência colonial e tentativa de apagamento no litoral sul da Paraíba. Haja visto terem perdido suas terras, o que resultou em um longo processo de luta pelo território que foi invadido e tomado, o que se estende até os dias atuais. Conforme nos conta MARQUES (2015), também mencionada por LIMA (2023, p. 36):

“Segundo relatos, a permanência dos Tabajara no Sítio dos Caboclos, principal referência territorial desse grupo, deu-se até o momento em que os Lundgren ocuparam o território da Jacoca. Esta família exerceu diferentes estratégias de intimidação e pressão para que os Tabajara, assim como as comunidades negras, ocupassem outros espaços. A dispersão Tabajara ocorreu quando membros das famílias do Sítio ocuparam outros espaços no Litoral Sul e na capital paraibana. Houve tentativa de permanência no território no entorno da Jacoca durante o período da expulsão das famílias. Entretanto, a população que se encontrava no entorno não permitiu a presença do grupo por medo de represálias ou perda territorial. Desse modo, os Tabajara ficaram dispersos. Cabe destacar que após a expulsão mencionada, os Tabajara se espalharam em diferentes territórios do Litoral Sul, como a sede municipal do Conde e Barra de Gramame, Pitimbu, Bayeux, Alhandra e Caaporã. Conforme dados do último censo realizado pela FUNAI em 2014, são contabilizados 539 Tabajara



autodeclarados. Segundo informações dos próprios Tabajara, esse número é maior, tendo em vista uma quantidade considerável de famílias que não entraram na planilha do órgão.” (MARQUES, 2015, p. 233-234).

Nesse contexto, o povo indígena Tabajara se situa e se movimenta em luta contínua pela efetivação de seus direitos constitucionais territoriais, território esse tradicionalmente ocupado há séculos por essa etnia e que, atualmente, se encontra em processo de demarcação. Portanto, os aspectos relacionados com os conhecimentos etnobotânicos do povo indígena Tabajara se fazem tão necessários, pois, apesar do processo de violência e tomada do território, os conhecimentos etnobotânicos e culturais desse povo resistem e se reproduzem ao longo das gerações, ampliando assim a gama de significados atrelados à identidade étnica Tabajara.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho foi levantar a composição florística de quatro aldeias indígenas no litoral sul da Paraíba (Nordeste do Brasil) a partir de plantas com uso prático, entender como as comunidades exploram os recursos oferecidos por essas espécies vegetais encontradas e comparar tal exploração de recursos vegetais com outras comunidades tradicionais no Nordeste brasileiro. Buscou-se ainda verificar se há e como ocorre a influência de espécies invasoras ou exóticas nessas comunidades.

MÉTODOS

As áreas que foram visitadas pertencem às comunidades tradicionais Tabajara do litoral sul paraibano, sendo elas: Aldeia Vitória, localizada em Mata da Chica; Aldeia Barra de Gramame, localizada nos perímetros da rodovia PB-008, Barra de Gramame; Aldeia Severo Bernardo e Aldeia Nova Taquara, ambas localizadas em Tambaba. Todas essas localidades estão inseridas no município do Conde - PB (Figura 1), havendo aproximadamente 1.500 indígenas distribuídos nas quatro aldeias.

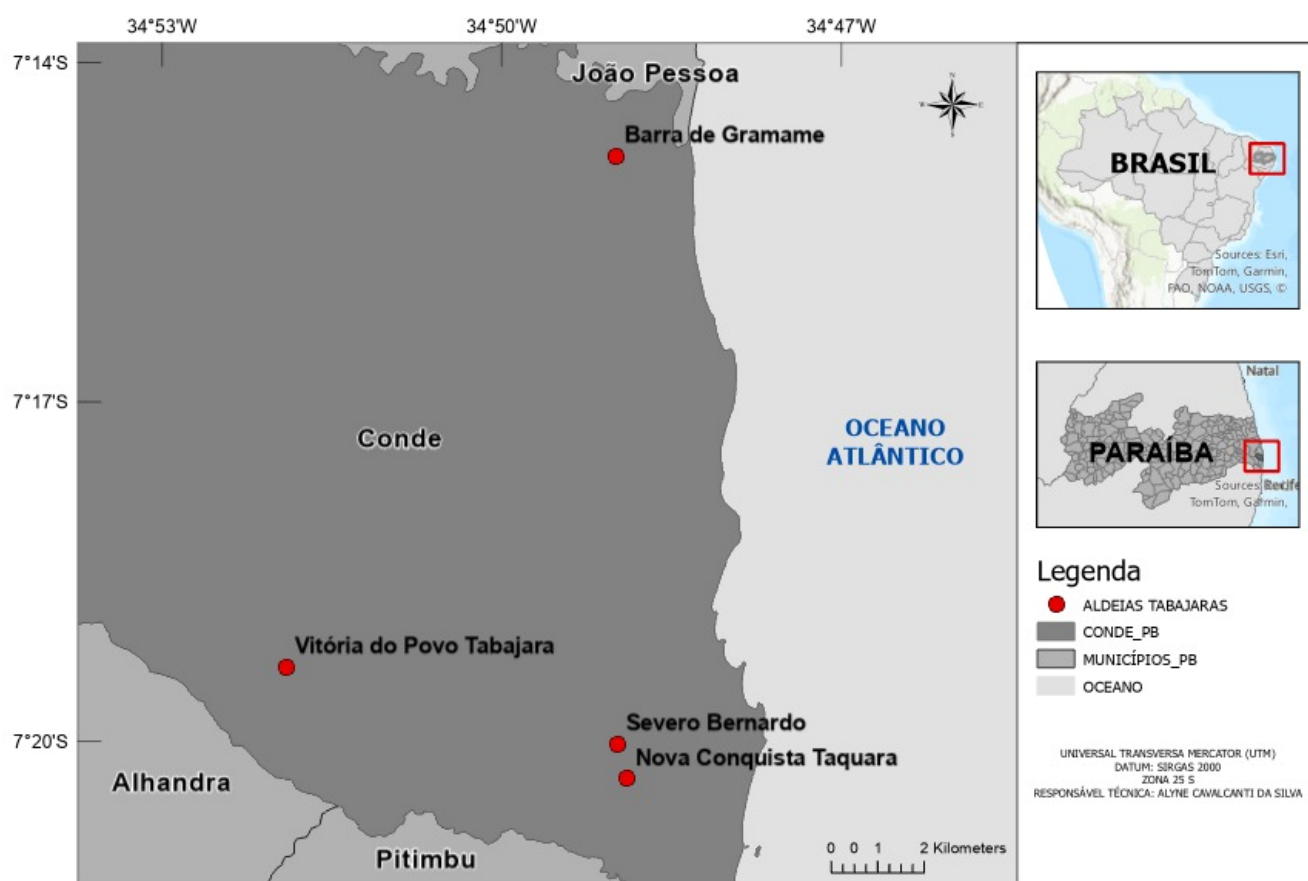


Figura 1. Localização geográfica das aldeias Tabajara pesquisadas neste estudo. Fonte: Arquivo dos autores.



Foram visitados entre janeiro e dezembro de 2024 os jardins e roçados de cada aldeia, a partir de visitas guiadas, nos espaços de maior circulação de pessoas, haja visto que esses locais são comunitários. Cada comunidade estabeleceu um guia para visita dos quintais e roçados das aldeias e, em cada parada para identificação de material, os moradores mais experientes de cada localidade apresentavam espontaneamente as plantas mais usadas em suas práticas. Foram visitados seis quintais em cada comunidade, totalizando 24 áreas visitadas.

As plantas com uso prático encontradas foram detalhadamente fotografadas e identificadas por meio de comparações com exsicatas disponíveis no Herbário Virtual Re flora (BRASIL, 2013), além de consultas a especialistas do Instituto Agrônomo de Pernambuco. O código da autorização para coleta de amostras botânicas é AAAE853, autorizado pelo SISGEN. A partir das identificações por imagem, já que não foram coletadas amostras vegetais para identificação mediante análise de material ou depósito em herbários, foi gerada uma lista de espécies contendo o nome científico (BRASIL, 2013), nome popular, hábito, origem (ROYAL BOTANIC GARDENS, 2024), distribuição geográfica (BRASIL, 2013; GBIF, 2024) e usos potenciais (incluindo alimentar, nutricional e toxicidade).

Para analisar a concordância de respostas sobre o uso medicinal das plantas, visando identificar as com uso prático mais utilizadas, foi calculado o índice de Concordância de Uso Principal corrigido (CUPc), quando pelo menos três comunidades concordam sobre seu uso (AMOROZO & GÉLY, 1988).

As floras de cada comunidade foram comparadas com outras floras de áreas de jardins e quintais inventariadas no Nordeste brasileiro, a fim de se verificar o grau de similaridade dessas composições florísticas. A determinação dessa similaridade seguiu as recomendações de GOTELLI & ELLISON (2016), utilizando IS - Índice de similaridade de Sørensen - para quantificar o percentual de similaridade.

Todos os resultados encontrados foram socializados com as aldeias em um evento extensionista que teve como principal finalidade a troca entre saberes ancestrais e acadêmicos, onde foram entregues painéis ilustrativos das espécies encontradas em cada comunidade. O que compôs seu acervo educativo e de registro da memória sobre os usos nesses locais, além de fomentar a iniciativa da construção de casas de curas nessas aldeias, futuramente.

RESULTADOS

Foi contabilizado um total de 106 espécies (Tabela 1), que equivalem igual cifra as plantas com uso prático citadas, sendo 80 identificadas na aldeia Barra de Gramame, 20 na aldeia Vitória, 18 na aldeia Nova Conquista Taquara e 17 na aldeia Severo Bernardo. Na Figura 2 se observa, a título de comparação, a riqueza de espécies das aldeias identificadas comparadas com outras floras de áreas de jardins e quintais, de comunidades tradicionais, inventariadas no nordeste brasileiro.

Com base na análise de similaridade, obteve-se um resultado significativo para o coeficiente co-fenético ($c.c. = 0,7495$), indicando baixa similaridade entre as floras comparadas, ou seja, uma maior tendência à heterogeneidade florística, principalmente, em relação às floras inventariadas nesse estudo, encontradas abaixo do ponto de corte de 20% (linha vermelha), em relação às demais áreas localizadas no Nordeste brasileiro (Figura 3). Pode-se observar, que as floras das aldeias Vitória e Nova Conquista Taquara estiveram mais conectadas entre si que as demais floras das outras aldeias. Por outro lado, dois agrupamentos mais significativos, que apresentaram compartilhamento florístico comum, foram compostos pelas floras das áreas inventariadas por SILVA & FREIRE (2010), ROQUE *et al.* (2010) e FRANCO & BARROS (2006) e pelas floras do evidenciadas por GOMES & BANDEIRA (2012), SILVA *et al.* (2012) e TEIXEIRA & MELO (2006).

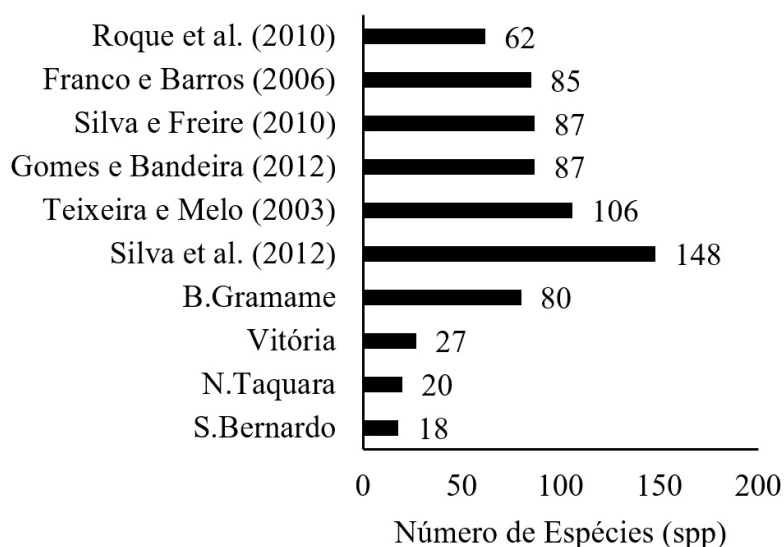


Figura 2. Riqueza de espécies de plantas com uso prático relatados pelas aldeias indígenas do litoral sul da Paraíba - Barra de Gramame, Vitória, Nova Conquista Taquara e Severo Bernardo, em comparação com outras floras de áreas de jardins e quintais inventariadas no Nordeste brasileiro - SILVA & FREIRE (2010) e ROQUE *et al.* (2010), ambas no Rio Grande do Norte; GOMES & BANDEIRA (2012) e SILVA *et al.* (2012), ambos na Bahia; FRANCO & BARROS (2006) no Piauí; e TEIXEIRA & MELO (2006) em Pernambuco.

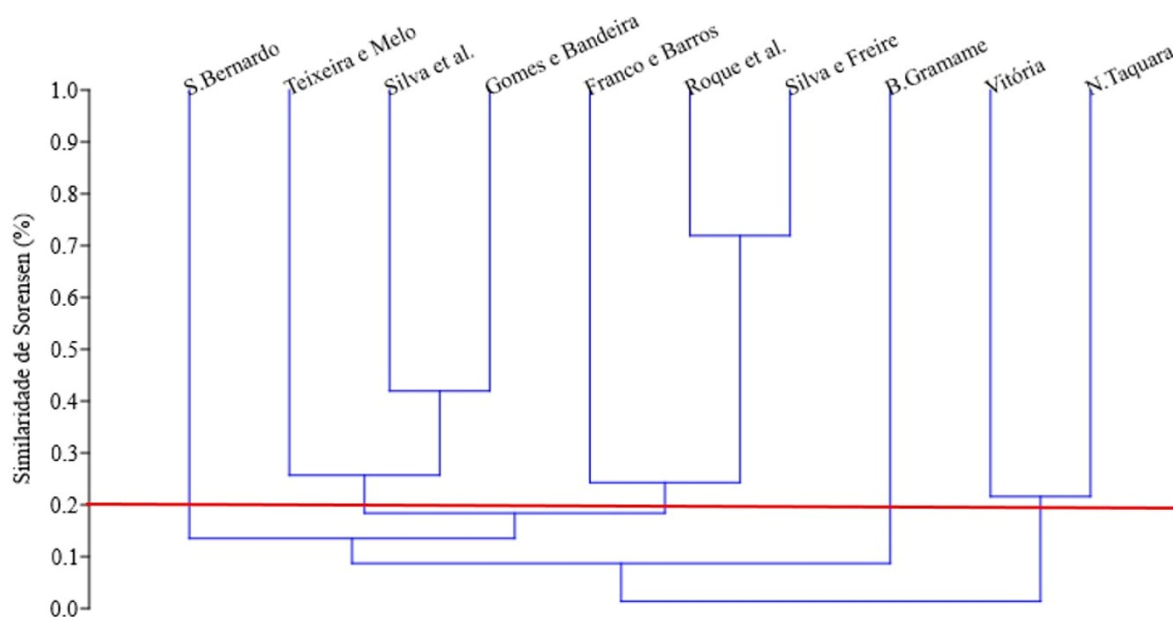


Figura 3. Análise de similaridade, com base no coeficiente de Sorensen, envolvendo as plantas com uso prático das aldeias indígenas do litoral sul da Paraíba - Barra de Gramame, Vitória, Nova Conquista Taquara e Severo Bernardo, em comparação com outras floras de áreas de jardins e quintais inventariadas no Nordeste brasileiro - SILVA & FREIRE (2010) e ROQUE *et al.* (2010), ambas no Rio Grande do Norte; GOMES & BANDEIRA (2012) e SILVA *et al.* (2012), ambos na Bahia; FRANCO & BARROS (2006) no Piauí; e TEIXEIRA & MELO (2006) em Pernambuco.



Com relação ao hábito das plantas utilizadas pelas aldeias neste estudo, houve o predomínio das ervas (35%), seguidas dos arbustos (32%), das árvores (31%) e das lianas (2%) (Figura 4).

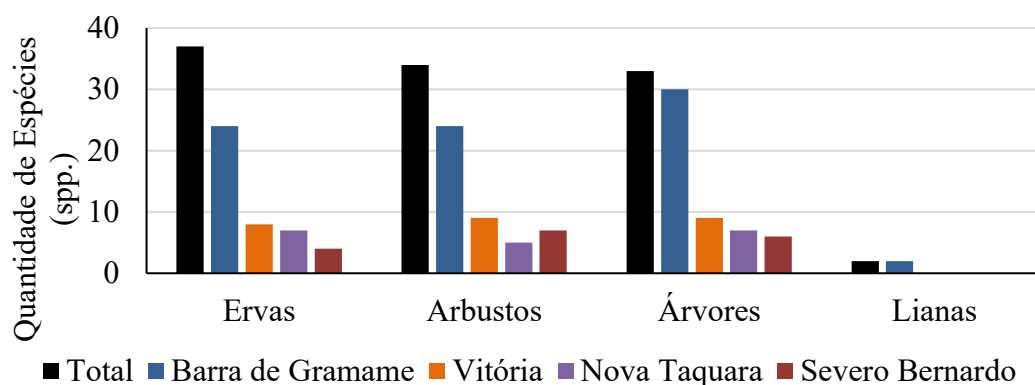


Figura 4. Frequência do hábito das plantas com uso prático relatadas pelas aldeias indígenas do litoral sul da Paraíba - Barra de Gramame, Vitória, Nova Conquista Taquara e Severo Bernardo.

Houve um predomínio no uso de plantas nativas às plantas exóticas, mesmo com o alto percentual de espécies exóticas em todas as aldeias (Figura 5). Dentre as plantas exóticas com uso prático, destacam-se as cosmopolitas, seguidas daquelas pantropicais (Figura 6).

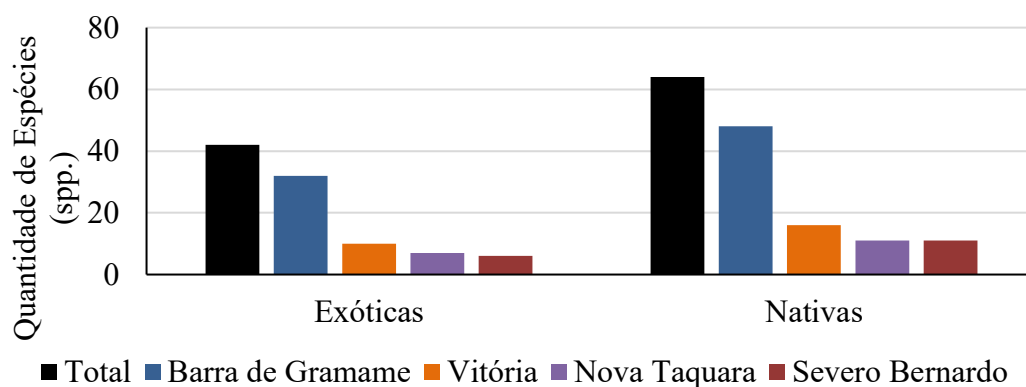


Figura 5. Origem das plantas com uso prático relatadas pelas aldeias indígenas do litoral sul da Paraíba - Barra de Gramame, Vitória, Nova Conquista Taquara e Severo Bernardo.

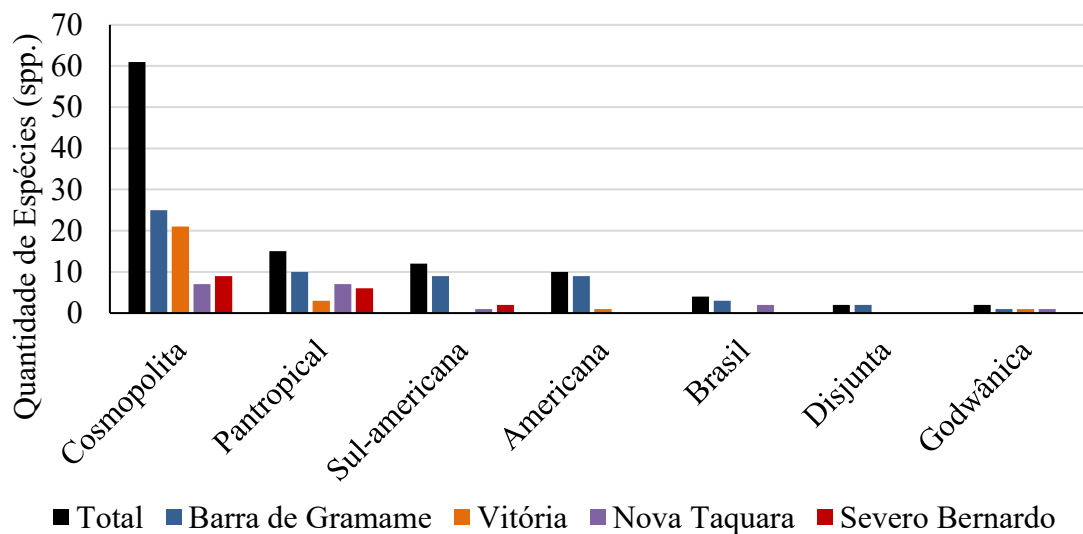


Figura 6. Distribuição geográfica geral das plantas com uso prático relatadas pelas aldeias indígenas do litoral sul da Paraíba - Barra de Gramame, Vitória, Nova Conquista Taquara e Severo Bernardo.



Foram registrados 31 usos diferentes sobre o total de plantas analisadas, indicando uma ampla variedade de tratamentos naturais extraídos dos recursos vegetais. Os usos mais relatados foram o anti-inflamatório (15%), problemas respiratórios (15%), alimentação (4%), problemas intestinais (4%) e efeito calmante (4%) (Figura 7).

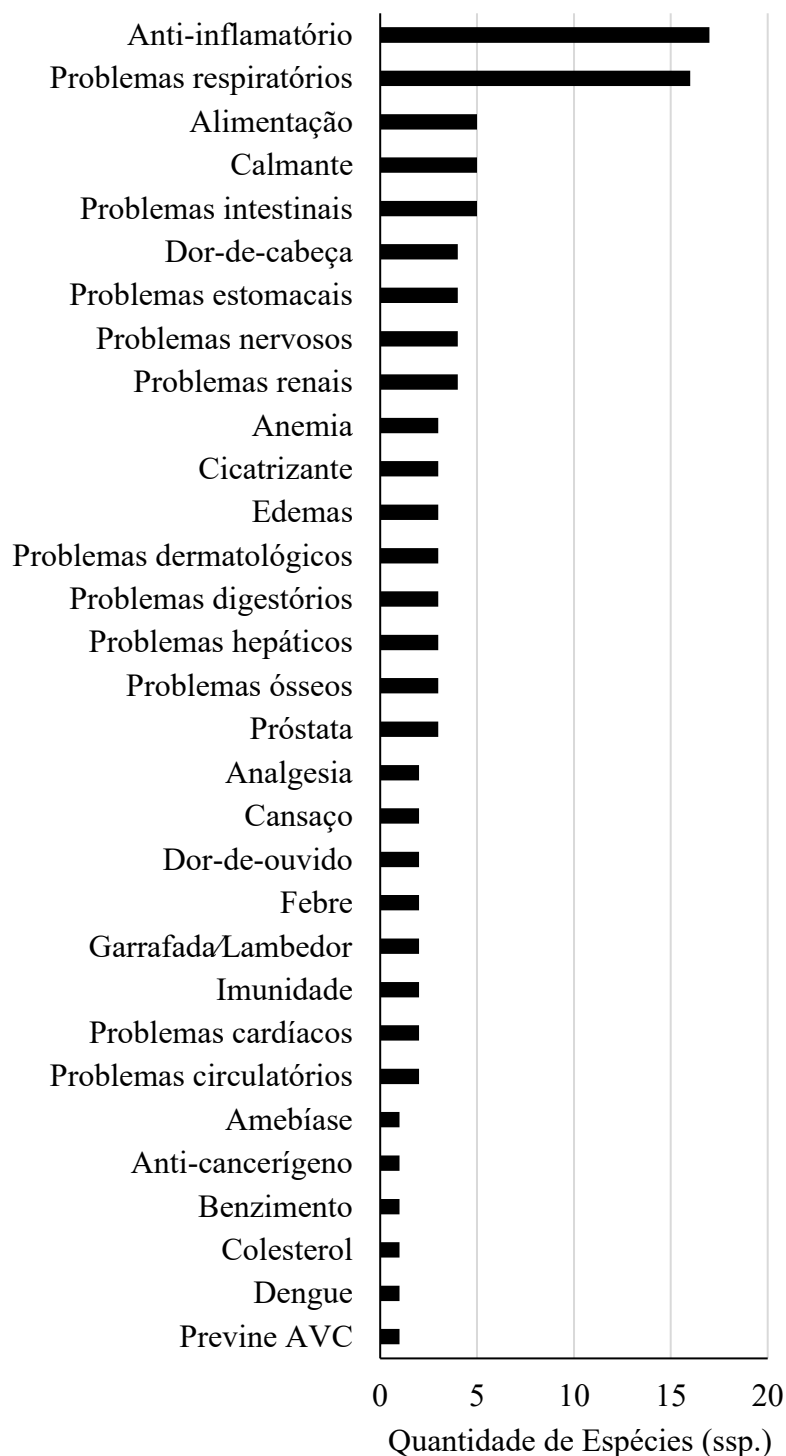


Figura 7. Principais usos medicinais das plantas com uso prático relatadas nas aldeias indígenas do litoral sul da Paraíba - Barra de Gramame, Vitória, Nova Conquista Taquara e Severo Bernardo.



Das 106 etnospécies encontradas, 17% são plantas com múltiplas finalidades, como *Chrysobalanus icaco* L. (coluna, diabetes, baixa glicemia), *Bixa orellana* L. (anti-inflamatório, condimento, pigmento), *Commiphora leptophloeos* (Mart.) J.B. Gillett (dores, sinusite) e *Momordica charantia* L. (hemorróidas, tumores). Por outro lado, também foram encontradas plantas com uso prático com indicações mais raras, como para tratamento de amebíase (*Solanum asperolanatum* Ruiz & Pav.), câncer (*Kalanchoe daigremontiana* Raym.-Hamet & H.Perrier), dengue (*Carica papaya* L.), prevenção de AVC [*Cajanus cajan* (L.) Huth] ou colesterol alto (*Hibiscus rosa-sinensis* L.).

Por fim, apesar da grande variabilidade de usos potenciais, apenas quatro plantas com uso prático apresentaram um alto consenso de concordância de informações, com base no fator de Concordância de Uso Principal corrigido (CUPc) evidenciado (Figura 8), o que pode implicar maior pressão no consumo sobre esses recursos vegetais (Figura 8), sendo elas: *Anacardium occidentale* L., *Schinus terebinthifolia* Raddi (ambas Anacardiaceae), *Dysphania ambrosioides* (L.) Mosyakin & Clemants (Amaranthaceae) e *Jatropha gossypifolia* L. (Euphorbiaceae).

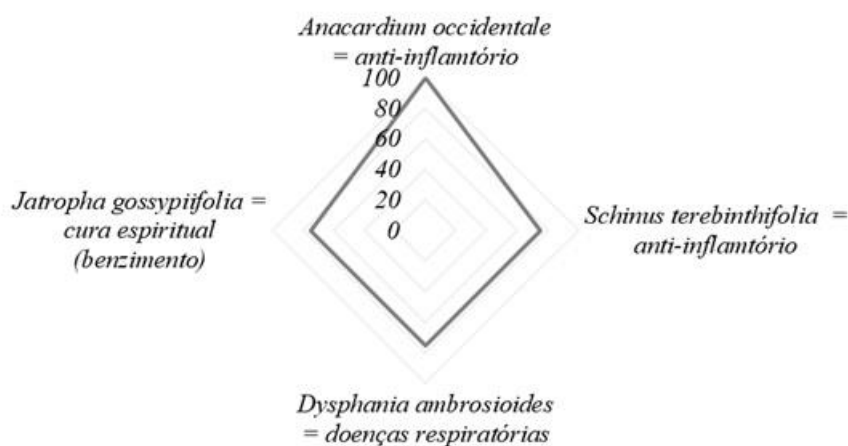


Figura 8. Percentual da Concordância de Uso Principal corrigido (CUPc) das plantas com uso prático relatadas pelas aldeias indígenas do litoral sul da Paraíba - Barra de Gramame, Vitória, Nova Conquista Taquara e Severo Bernardo.

DISCUSSÃO

Apesar da descaracterização histórica do Povo Tabajara devida à violência colonial, disputas por terra e dispersão da população ao longo dos anos, os Tabajara ainda guardam parte da sua vasta herança etnobotânica. As aldeias pesquisadas apresentaram ampla riqueza de espécies e diversidade de usos potenciais das plantas encontradas. Esses resultados foram expressos nas estatísticas exploratórias e na análise de similaridade florística. Como essas aldeias foram criadas recentemente, fruto de uma diáspora impositiva historicamente sobre o povo Tabajara, podemos afirmar que esse tipo de resgate de conhecimento tradicional é fundamental para colaborar com seu processo de reconstrução cultural.

Os resultados indicaram que a aldeia Barra de Gramame apresentou maior riqueza de espécies associadas ao seu território. Porém, vale ressaltar que, muito recentemente, LIMA (2023) iniciou um levantamento florístico que complementou esses dados sobre as plantas medicinais conhecidas por esta comunidade específica. Isso só reforça, a importância da realização desses trabalhos de cunho florístico de serem desenvolvidos em todas as comunidades tradicionais, a fim de estabelecer tanto um resgate sobre suas próprias práticas ancestrais (STRAEDE *et al.*, 2002), quanto colaborar na reflexão sobre a tomada de decisão nas questões ambientais que envolvem o uso de serviços ecossistêmicos, tais como os associados aos recursos florestais (TOPP *et al.*, 2022).

Com relação ao hábito das plantas analisadas, demonstra-se o predomínio das plantas herbáceas, mas também um uso frequente sobre os arbustos e árvores, muito provavelmente relacionados a alguns



fatores práticos. As ervas foram bem frequentes pela facilidade de encontrá-las, pois as plantas identificadas neste estudo, o foram ao final do período chuvoso. São também mais fáceis para cultivar, pois estão bem associadas aos jardins e quintais, sendo o trato cultural facilitado pela proximidade. Além disso, as ervas, comumente, são subespontâneas e infestam os roçados, e, por conterem uso específico, são toleradas pelos agricultores (ALBUQUERQUE & ANDRADE, 2002b). Já as árvores e os arbustos também são fontes de recursos vegetais valiosos pela sua perenidade (ALBUQUERQUE & ANDRADE, 2002b).

Não ficou evidenciado neste estudo se ocorre prática de armazenamento das plantas, principalmente daquelas que são efêmeras nos períodos da seca, além do próprio banco de sementes do solo local. Porém, é do interesse dessas comunidades a construção de sementeiras e de banco de germoplasmas para perpetuação de plantas de relevante interesse e intercâmbio florístico.

Um dado positivo observado em todas as comunidades é o fato da predominância de uso de espécies nativas. Esse resultado indica uma preferência maior no uso da flora local, quando comparado à escolha de plantas exóticas. Por outro lado, em todas as aldeias predominou o uso daquelas plantas que são bem disseminadas do ponto de vista geográfico, ou seja, predominam composições florísticas estruturadas por plantas amplamente distribuídas no globo. Praticamente essas comunidades não usam plantas endêmicas, indicando uma possível relação com a degradação ambiental histórica que se observa como tendência pelo mundo (NATH *et al.*, 2016) e que afeta também as zonas costeiras do Brasil, apresentando uma tendência à descaracterização ambiental.

Os resultados indicam que as comunidades usam plantas que estão disponíveis em seus ecossistemas de contato (ALBUQUERQUE & ANDRADE, 2002a) e, em alguns casos, plantas que adquiriram no seu contexto urbano de proximidade (SANTANA *et al.*, 2024). A análise de similaridade efetuada confirmou que as floras pertencentes a essas comunidades são bem distintas de outras comunidades tradicionais do Nordeste do Brasil, demonstrando a importância dos ecossistemas de contato na estruturação de práticas tradicionais (ALBUQUERQUE & ANDRADE, 2002a).

Os estudos científicos deduzem que esse tipo de seleção de plantas com uso prático, que privilegia o uso de plantas nativas às exóticas, está muito relacionado com certo grau de sensibilidade ambiental das pessoas sobre as plantas locais (CORRÊA *et al.*, 2021). SILVA & FREIRE (2010) revelam que as plantas nativas são mais escolhidas para uso tradicional que as plantas exóticas, mesmo essas últimas estando mais disponíveis para as comunidades em suas próprias propriedades. Como plantas exóticas não são encontradas nos ecossistemas naturais (nas matas), não são tão escolhidas para uso potencial medicinal, por exemplo (SILVA & FREIRE, 2010). Mesmo assim, alguns pesquisadores apontam a prática da substituição como uma alternativa comum em comunidades tradicionais, principalmente no caso de grupos imigrantes (MEDEIROS *et al.*, 2012). Ou seja, comunidades perderam suas terras e foram relocadas para outras áreas, e já não reconhecem a flora nativa das plantas exóticas invasoras quando presentes nos ecossistemas naturais.

Com relação à pressão de uso, quatro plantas com uso prático com maior valor de CUPc (acima dos 50%) apresentaram comprovação científica relatada na literatura. Assim, o uso de *Anacardium occidentale* e *Schinus terebinthifolia* apresentam ampla descrição de seu uso anti-inflamatório pelos trabalhos de NOVAES & NOVAES (2021) e BEZERRA (2022), respectivamente. Observa-se ainda que dentre as plantas com uso prático com maiores valores de CUPc, *Anacardium occidentale* é citada pelas quatro comunidades. Já as plantas com uso prático *Dysphania ambrosioides*, que também é reconhecida por suas propriedades farmacológicas na recuperação do trato respiratório (SILVA & CAVALCANTE, 2022), e *Jatropha gossypifolia*, utilizada na cura de doenças da alma ou culturais, como benzimento (PEREIRA *et al.*, 2023), foram bastante encontradas nas visitas de campo.

O fator CUPc para essas quatro plantas aponta que esses usos mais difundidos e aceitos para uma etnoespécie evidenciam maior segurança quanto à sua validade de uso tradicional (VENDRUSCOLO & MENTZ, 2006). Assim, o fator CUPc tem colaborado para indicar plantas que necessitam de uma atenção maior em estudos futuros, principalmente para direcionar investigações farmacológicas que envolvam bioprospecção (THRING & WEITZ, 2006). As espécies com valor de CUPc acima de 50% indicam um consenso de uso popular



tradicional, o que pode sugerir uma comprovação de seu potencial medicinal, abreviando passos científicos como um tipo de “pré-triagem” de espécies com potencial para inovação terapêutica (SILVA & PROENÇA, 2008).

Por outro lado, essas plantas com uso prático precisam ter uma atenção maior quando referenciadas em listas florísticas, pois seus órgãos e tecidos (ou até indivíduos inteiros) podem estar passando por uma pressão de consumo maior (extrativismo) do que comparada às outras plantas com uso prático (D’ALMEIDA, 2022). Essa exploração maior de um recurso vegetal precisa de cuidado, pois com a superexploração essas espécies podem ficar mais suscetíveis ao contato de parasitos quando constantemente forrageadas ou extinção local quando constantemente suprimidas (STADNIK & TALAMINI, 2004).

Uma pequena parte das plantas com uso prático (17%) apresenta múltiplos tratamentos terapêuticos, como por exemplo *Solidago chilensis* (dor muscular, picada de inseto, anti-inflamatório) ou *Curcuma alismatifolia* (osso quebrado, gastrite e inflamação). Existem plantas com usos mais especializadas em apenas um único sistema, como, por exemplo, sistema digestório com *Melissa officinalis* (digestão, dor de barriga e no intestino) ou *Plectranthus thyrsoides* (intestino, gastrite, diarreia); e sistema respiratório com *Cereus jamacaru* (cansaço, tosse, bronquite, pneumonia) ou *Periandra mediterranea* (tosse, coceira na garganta). Já outras plantas têm um uso mais específico, como *Scoparia dulcis* (tratamento de cansaço) e *Coriandrum sativum* (efeito calmante), ou *Thysacanthus microphyllus* e *Artemisia vulgaris*, que se destacam em tratamentos apenas de dor de barriga.

Por fim, em relação às doenças da alma ou culturais, como proposto por AMOROZO (2002), este trabalho destacou também que não são citadas apenas enfermidades aceitas pela medicina convencional, mas também aquelas doenças que causavam estado de desconforto emocional e os enfermos precisam de benzimentos para alcançar a cura. As doenças de cunho cultural são populares em meio às comunidades tradicionais e servem para explicar, em partes, sintomas de outras que não foram identificadas em primeira mão pela comunidade local, naquele momento específico, como falta de vitaminas, imunidade reduzida, etc.

Tabela 1. Plantas com uso prático relatadas pelas aldeias indígenas do litoral sul da Paraíba. Legenda: Barra de Gramame (BG), Vitória (V), Nova Conquista Taquara (NCT) e Severo Bernardo (SB).

Família/Espécie	Nome vulgar	BG	V	NCT	SB	Indicações
Acanthaceae						
<i>Thysacanthus microphyllus</i> A. Côrtes & Rapini	vassourinha	x	-	-	-	gastroenterite
Adoxaceae						
<i>Sambucus nigra</i> L.	sabugueiro	x	-	-	-	problemas respiratórios, febre
Amaranthaceae						
<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	mastruz	x	-	x	x	lambedor
Amaryllidaceae						
<i>Allium fistulosum</i> L.	cebolinha-do-mato	x	-	-	-	problemas respiratórios
Apiaceae						
<i>Coriandrum sativum</i> L.	coentro	-	x	-	-	antiparasitária, dismenorreia
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	salsa-do-rio	x	-	-	-	desinflamação
<i>Pimpinella anisum</i> L.	erva-doce	x	-	-	-	calmante
Apocynaceae						
<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	mangaba	x	-	-	-	úlceras
Arecaceae						
<i>Cocos nucifera</i> L.	coco-amarelo	-	-	-	x	anemia
<i>Syagrus cearensis</i> Noblick	catolé	x	-	-	-	problemas prostáticos



Tabela 1. Continuação - Plantas com uso prático relatadas pelas aldeias indígenas do litoral sul da Paraíba. Legenda: Barra de Gramame (BG), Vitória (V), Nova Conquista Taquara (NCT) e Severo Bernardo (SB).

Família/Espécie	Nome vulgar	BG	V	NCT	SB	Indicações
Asphodelaceae						
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. L.	babosa	x	-	-	x	cicatrização, embelezamento
Asteraceae						
<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	espinho-cigano	x	-	-	-	tosse, gastrite, dispepsia
<i>Artemisia vulgaris</i> L.	anador	x	-	-	-	gastroenterite
<i>Baccharis sylvestris</i> L.	alecrin-de-caboclo	x	-	-	-	anemia
<i>Bidens pilosa</i> L.	picão-preto	-	x	-	-	icterícia
<i>Eclipta prostrata</i> (L.) L.	erva-botão	-	x	-	-	neuralgia
<i>Erigeron canadense</i> L.	rabo-de-raposa	x	-	-	-	pitiríase
<i>Matricaria chamomilla</i> L.	camomila	x	-	-	-	calmante
<i>Solidago chilensis</i> Meyen	arnica	x	-	-	-	mialgia, picada de inseto
Anacardiaceae						
<i>Anacardium occidentale</i> L.	cajuzeiro-roxo	x	x	x	x	desinflamação
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	aroeira	x	-	x	x	desinflamação
<i>Mangifera indica</i> L.	manga	x	-	x	x	laringite, tosse
Annonaceae						
<i>Xylopia amazonica</i> R.E.Fr.	embiriba	x	-	-	-	cicatrizante, hemorragia
Bignoniaceae						
<i>Handroanthus albus</i> (Cham.) Mattos	ipê-amarelo	-	-	x	-	desinflamação
<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	ipê-roxo	-	x	-	-	desinflamação
Bixaceae						
<i>Bixa orellana</i> L.	urucum	-	-	-	x	desinflamação, ritual
Burseraceae						
<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J.B.Gillett	mirra	x	-	-	-	dores, sinusite
Cactaceae						
<i>Cereus jamacaru</i> DC.	cardeiro	x	x	-	-	problemas respiratórios
<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	ora-pro-nobis	x	-	-	-	desnutrição
Cannaceae						
<i>Canna indica</i> L.	cana-da-índia	x	-	-	-	nefrolitíase
Caricaceae						
<i>Carica papaya</i> L.	mamão	-	x	-	-	constipação, dengue
Caryophyllaceae						
<i>Dianthus caryophyllus</i> L.	cravo	x	-	-	-	gastroenterite infantil
Celastraceae						
<i>Monteverdia rigida</i> (Mart.) Biral	bom-nome	x	-	-	-	problemas ósseos, calmante
Cleomaceae						
<i>Tarenaya aculeata</i> (L.) Soares Neto & Roalson	mussambê	x	-	-	-	tosse, viroses
Convolvulaceae						
<i>Ipomoea batatas</i> (L) Lam	batata-doce	x	-	x	-	benzimento
Crassulaceae						
<i>Kalanchoe daigremontiana</i> Raym.-Hamet & H.Perrier	aranto	x	-	-	-	gastrite, câncer
Chrysobalanaceae						
<i>Chrysobalanus icaco</i> L.	guajirú	x	-	-	-	diabetes, coluna
Cucurbitaceae						
<i>Momordica charantia</i> L.	melão--são-caetano	x	x	-	-	hemorroida, tumor
Cyperaceae						
<i>Cyperus sesquiflorus</i> (Torr.) Mattf. & Kük.	capim-santo	x	-	-	-	dispepsia



Tabela 1. Continuação - Plantas com uso prático relatadas pelas aldeias indígenas do litoral sul da Paraíba. Legenda: Barra de Gramame (BG), Vitória (V), Nova Conquista Taquara (NCT) e Severo Bernardo (SB).

Família/Espécie	Nome vulgar	BG	V	NCT	SB	Indicações
Euphorbiaceae						
<i>Cnidoscolus urens</i> (L.) Arthur	urtiga-branca	x	-	x	-	garrafada
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	pinhão-roxo	x	x	x	-	rituais
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	macaxeira	-	-	-	x	alimento
<i>Ricinus communis</i> L.	mamona	x	-	-	-	cefaleia
Fabaceae						
<i>Apuleia leiocarpa</i> (Vogel) J.F.Macbr.	jitaí	x	-	-	-	hepatite
<i>Caesalpinia ferrea</i> C.Mart.	jucá	x	x	-	-	reumatismo
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	feijão-guandu	x	-	-	-	acidente vascular cerebral
<i>Dipteryx odorata</i> (Aubl.) Forsyth f.	cumaru	x	-	-	-	expectorante
<i>Copaifera coriacea</i> Mart.	sapucaia	-	-	-	x	artesanato
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	jatobá	x	-	-	-	infecção, expectorante
<i>Martiodendron elatum</i> (Ducke) Gleason	jitaí	x	-	-	-	cistite
<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir.	jurema	x	-	-	-	cicatrizante, dores, rituais
<i>Periandra mediterranea</i> (Vell.) Taub.	alcaçuz	x	-	-	-	faringite
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	babatenom	x	-	x	-	desinflamação
<i>Stryphnodendron pulcherrimum</i> (Willd.) Hochr.	fava-rajada	-	-	x	-	alimentação
<i>Tephrosia candida</i> DC.	salsa	x	-	-	-	antiparasitária
Iridaceae						
<i>Cipura paludosa</i> Aubl.	alho-do-mato	x	-	-	-	gripe, anemia
Lamiaceae						
<i>Coleus amboinicus</i> Lour.	hortelã-folha-grossa	-	x	x	-	gripe
<i>Hyptis</i> sp.	macassá	x	-	-	-	cefaleia, otite
<i>Melissa officinalis</i> L.	cidreira	x	-	-	-	gastroenterite
<i>Mentha spicata</i> L.	hortelã	x	-	-	x	dispepsia
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	hortelã-folha-miúda	x	-	x	-	desinflamação, edema
<i>Plectranthus thyrsoideus</i> (Baker) B.Mathew	boldo	-	-	x	-	gastrite, gastroenterite
<i>Ocimum basilicum</i> L.	manjerição	x	-	-	-	cefaleia
<i>Ocimum gratissimum</i> L.x	alfavaca	x	-	-	-	desinflamação
Lauraceae						
<i>Cinnamomum verum</i> J.Presl	canela	x	-	-	-	dispepsia, anemia
<i>Laurus nobilis</i> L.	louro	x	-	-	-	gastroenterite
<i>Persea americana</i> Mill.	abacate	-	x	-	-	rins
Lecythidaceae						
<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Mart. ex-Miers	imbiriba	x	-	-	-	hemorragia
Lythraceae						
<i>Punica granatum</i> L.	romã	x	-	-	-	faringite
Malvaceae						
<i>Alcea rosea</i> L.	malva-rosa	x	-	-	-	desinflamação, expectorante
<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	hibisco	x	x	-	-	hipercolesterolemia
Menispermaceae						
<i>Cissampelos sympodialis</i> Eichler	milonga	x	-	-	-	doenças respiratórias
Moraceae						
<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	jaca	x	-	-	-	anti-bacteriano
<i>Morus alba</i> L.	amora	x	-	-	x	problemas circulatórios
Moringaceae						
<i>Moringa oleifera</i> Lam.	moringa	-	x	-	-	desnutrição
Musaceae						
<i>Musa paradisiaca</i> L.	banana	x	x	x	-	laringite



Tabela 1. Continuação - Plantas com uso prático relatadas pelas aldeias indígenas do litoral sul da Paraíba. Legenda: Barra de Gramame (BG), Vitória (V), Nova Conquista Taquara (NCT) e Severo Bernardo (SB).

Família/Espécie	Nome vulgar	BG	V	NCT	SB	Indicações
Myrtaceae						
<i>Eucaliptus</i> sp.	eucalipto	x	-	-	-	febre
<i>Eugenia uniflora</i> L.	pitanga	x	x	x	x	gastroenterite
<i>Psidium cattleianum</i> Afzel. ex Sabine	araçá	x	-	-	x	gastroenterite
<i>Psidium guajava</i> L.	goiaba	x	x	x	x	gastroenterite
Nyctaginaceae						
<i>Boerhavia erecta</i> L.	pega-pinto	x	-	-	-	problemas prostáticos
Passifloraceae						
<i>Passiflora cincinnata</i> Mast.	maracujá-do-mato	x	-	-	-	Esteatose hepática
Phyllanthaceae						
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	quebra-pedra	x	x	-	-	dores, nefrolitíase
Plantaginaceae						
<i>Scoparia dulcis</i> L.	vassoura-de-botão	-	-	x	-	fadiga
Poaceae						
<i>Andropogon bicornis</i> L.	rabo-de-raposa	-	x	-	-	pitíriase
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	capim-cidreira	-	x	x	-	calmante
Polygonaceae						
<i>Coccoloba latifolia</i> Lam.	cavaçu	x	-	-	-	desinflamação
Rhabdodendraceae						
<i>Rhabdodendron amazonicum</i> (Spruce ex Benth.) Huber	batiputá	-	-	-	x	cicatrizante
Rubiaceae						
<i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc.	cipó-caiana	x	-	-	-	desinflamação na coluna
<i>Genipa americana</i> L.	jenipapo	x	-	-	-	fraturas, rituais
Rutaceae						
<i>Citrus ×latifolia</i> Tanaka ex Q.Jiménez	limão-taiti	-	-	-	x	alimentação
<i>Citrus ×sinensis</i> (L.) Osbeck	laranja	x	-	-	-	calmante
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	x	-	-	-	otite
Sapotaceae						
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T.D.Penn.	quixaba	x	-	-	-	desinflamação, dores
Solanaceae						
<i>Solanum asperolanatum</i> Ruiz & Pav.	jurubeba	-	-	x	x	antiparasitário
<i>Solanum lycopersicum</i> L.	tomate	x	-	-	-	alimentação
<i>Solanum nigrum</i> L.	erva-moura	-	x	x	-	gripe
Turneraceae						
<i>Turnera ulmifolia</i> L.	xanana	x	-	-	-	problemas prostáticos
Urticaceae						
<i>Cecropia</i> sp.	embaúba	-	x	-	-	hipertensão
Verbenaceae						
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson	melissa	-	x	-	-	calmante
Violaceae						
<i>Pombalia calceolaria</i> (L.) Paula-Souza	papaconha	x	-	-	-	cefaleia, febre, edema
Ximeniaceae						
<i>Ximenia americana</i> L.	ameixa-do-mato	x	-	-	-	desinflamação
Zingiberaceae						
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) BLBurt & RMSm	colônia	x	-	-	x	gripe
<i>Curcuma alismatifolia</i> Gagnep.	cúrcuma	x	-	-	-	desinflamação, gastrite
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	gengibre	x	x	-	-	fadiga, anti-inflamatório



CONCLUSÕES

Este trabalho apresentou um levantamento das plantas utilizadas por quatro aldeias do Povo Tabajara localizadas no litoral sul da Paraíba, Nordeste do Brasil. Ao todo, foram registradas 106 espécies distintas, revelando uma expressiva diversidade botânica presente nos conhecimentos tradicionais das comunidades visitadas.

A composição específica de plantas variou entre as aldeias, sugerindo uma exploração diversificada dos recursos vegetais e um conhecimento plural dos diferentes grupos botânicos. Além disso, foi observada uma grande variedade de usos medicinais, com mais de 30 tipos diferentes de indicações terapêuticas.

As espécies registradas são, em sua maioria, ervas, com predominância de plantas nativas, embora amplamente distribuídas em outras regiões. Sendo necessário, nesse sentido, iniciativas de conservação da biodiversidade local aliadas à valorização do saber tradicional.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi financiado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - Campus João Pessoa, via Edital No. 11/2024 - PROEXC, Programa Institucional de Apoio e Fortalecimento da Agricultura Familiar (PROAF), com bolsa estudiantil para a segunda autora desta pesquisa. Agradecemos também aos botânicos especialistas do Herbário do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA).

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U.P.D. & ANDRADE, L.D.H.C. 2002a. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 16: 273-285.
- ALBUQUERQUE, U.P.D. & ANDRADE, L.D.H.C. 2002b. Uso de recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Interciência** 27(7): 336-346.
- AMOROZO, M.C.D.M. 2002. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botânica Brasileira** 16: 189-203.
- AMOROZO, M.C.D.M. & GÉLY, A. 1988. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi** 4(1): 47-131.
- ANDRADE, T.M.; CÂNDIDO, G.A. & SOUSA, R. 2011. Resiliência socioecológica enquanto tema da complexidade e suas contribuições para geração de políticas e ações coletivas. **Revista Principia** 19(1): 72-81.
- ARJONA-GARCÍA, C.; BLANCAS, J.; BELTRÁN-RODRÍGUEZ, L. *et al.* 2021. How does urbanization affect perceptions and traditional knowledge of medicinal plants? **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine** 17(1): 1-26.
- BARRERA, A. 1981. Sobre la unidad de habitacion tradicional campesina y el manejo de recursos bióticos en el area maya yucatanense. **Biotica** 5(3): 115-128.
- BEZERRA, J.J.L. 2022. Usos medicinais de *Schinus terebinthifolia* Raddi (Anacardiaceae) em diferentes regiões do Brasil: uma revisão. **Ethnoscintia - Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology** 7(1): 88-108.
- BRASIL. 2013. **Reflora - Herbário Virtual** [on-line]. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/herbarioVirtual/>. Acesso em: 29 de dezembro de 2024.
- CORRÊA, A.M.; ALVES, L.A. & ROCHA, J.A. 2021. Organizando os usos e funções dos vegetais: a etnobotânica auxiliando na prevenção e diminuição da Cegueira Botânica. **Educação** 46(1): 1-26.
- D'ALMEIDA, S.S. 2022. Iniciativas comunitárias para o uso sustentável da biodiversidade: o caso da articulação Pacari Raizeiras do Cerrado. **Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia** 20(1): 10-27.



- DIEGUES, A.C.S. 1996. **O mito moderno da natureza intocada**. Hucitec.
- DURÃES, N.A. & RAMOS, J.S. 2021. Saberes em narrativas de uma comunidade tradicional: oralidade e decolonialidade. **Educação, Escola & Sociedade** 14(16): 1-17.
- FRANCO, E.A.P. & BARROS, R.F.M. 2006. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais** 8(3): 78-88.
- GBIF - GLOBAL BIODIVERSITY INFORMATION FACILITY. 2024. **Free and open access to biodiversity data** [on-line]. Disponível em: <https://www.gbif.org/>. Acesso em: 29 de dezembro de 2024.
- GOMES, T.B. & BANDEIRA, F.P.S.D.F. 2012. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia. **Acta Botanica Brasilica** 26: 796-809.
- GOTELLI, N.J. & ELLISON, A.M. 2016. **Princípios de estatística em ecologia**. ARTMED Editora.
- HONG, Y. & ZIMMERER, K.S. 2022. Useful plants from the wild to home gardens: An analysis of home garden ethnobotany in contexts of habitat conversion and land use change in Jeju, South Korea. **Journal of Ethnobiology** 42(3): 1-21.
- LIMA, T.N.S. 2023. **"Cada planta tem um caboclo, cada caboclo tem uma planta": (etn-cartografia sobre as práticas de saúde do povo indígena Tabajara do litoral Sul da Paraíba)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal da Paraíba.
- MARQUES, A.C.N. 2015. **Fronteira étnica: Tabajara e comunidades negras no processo de territorialização do litoral sul paraibano**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe.
- MEDEIROS, P.M.D.; SOLDATI, G.T.; ALENCAR, N.L. *et al.* 2012. The use of medicinal plants by migrant people: adaptation, maintenance, and replacement. **Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine** 2012(807452): 11 p.
- MOURA, A.P.D. & OLIVEIRA, A.M.D. 2022. Ethnobotany in urban home gardens in Mossoró-RN. **Ambiente & Sociedade** 25 (e0002): 21 p.
- NATH, C.D.; SCHROTH, G. & BURSLEM, D.F. 2016. Why do farmers plant more exotic than native trees? A case study from the Western Ghats, India. **Agriculture, Ecosystems & Environment** 230: 315-328.
- NOVAES, T.E.R. & NOVAES, A.S.R. 2021. Análise dos potenciais medicinais do cajueiro (*Anacardium occidentale* Linn): uma breve revisão. **Research, Society and Development** 10(1 - e41810111838): 1-7.
- PEREIRA, K.C.S.; ALCÂNTARA, L.C.S. & CARNIELLO, M.A. 2023. As plantas no universo da fé e do bem viver. **Etnobiología** 21(3): 37-51.
- RAHMAN, M.O.; ANTARA, R.T.; BEGUM, M. & HASSAN, M.A. 2012. Floristic diversity of Dhamrai Upazila of Dhaka with emphasis on medicinal plants. **Bangladesh Journal of Botany** 41(1): 71-85.
- RONDON, R.N.M.; BYCZKOVSKI, A.; WINNICKI, J.A. *et al.* 2004. Os quintais agroflorestais do assentamento rural rio da areia, município de Teixeira Soares, PR. **Cerne** 10(1): 125-135.
- ROQUE, A.D.A.; ROCHA, R.D.M. & LOIOLA, M.I.B. 2010. Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (Nordeste do Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais** 12: 31-42.
- ROSA, L.S.; LIMA-SILVEIRA, E.; SANTOS, M.M. *et al.* 2007. Os quintais agroflorestais em áreas de agricultores familiares no município de Bragança-PA: composição florística, uso de espécies e divisão de trabalho familiar. **Revista Brasileira de Agroecologia** 2(2): 337-341.



- ROYAL BOTANIC GARDENS. Plants of the World Online. **Kew.org** [on-line]. Disponível em: <https://powo.science.kew.org/>. Acesso em: 29 de dezembro de 2024.
- SANTANA, B.F.; SANTOS-NEVES, P.S.; VOEKS, R.A. & FUNCH, L.S. 2024. Urban ethnobotany in local markets: a review of socioeconomic and cultural aspects. **South African Journal of Botany** **170**(1): 401-416.
- SILVA, C.S.P.D. & PROENÇA, C.E.B. 2008. Uso e disponibilidade de recursos medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botânica Brasileira** **22**: 481-492.
- SILVA, D.L.D.M.L. & CAVALCANTE, G.M. 2022. Estudo *in silico* da espécie *Dysphania ambrosioides* usada pela Comunidade Quilombola Timbó, Pernambuco, Brasil. In: AMARAL, J.F. *et al.* (ed.). **Farmacologia integrada: pesquisas emergentes em casos, efeitos e usos clínicos**. v. 1. Editora Científica Digital, p. 74-82.
- SILVA, N.C.B.; REGIS, A.C.D.; ESQUIBEL, M.A. *et al.* 2012. Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra II-Bahia, Brasil. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas** **11**(5): 435-453.
- SILVA, T.S. & FREIRE, E.M.X. 2010. Abordagem etnobotânica sobre plantas medicinais citadas por populações do entorno de uma unidade de conservação da caatinga do Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais** **12**: 427-435.
- STADNIK, M.J. & TALAMINI, V. 2004. **Manejo ecológico de doenças de plantas**. Universidade Federal de Santa Catarina.
- STRAEDE, S.; NEBEL, G. & RIJAL, A. 2002. Structure and floristic composition of community forests and their compatibility with villagers' traditional needs for forest products. **Biodiversity & Conservation** **11**: 487-508.
- SUJARWO, W. & CANEVA, G. 2016. Using quantitative indices to evaluate the cultural importance of food and nutraceutical plants: Comparative data from the Island of Bali (Indonesia). **Journal of Cultural Heritage** **18**: 342-348.
- TEIXEIRA, S.A. & MELO, J.I.M. 2006. Plantas medicinais utilizadas no município de Jupi, Pernambuco, Brasil. **Iheringia, Série Botânica** **61**(1/2): 5-11.
- THRING, T.S.A. & WEITZ, F.M. 2006. Medicinal plant use in the Bredasdorp/Elim region of the Southern Overberg in the Western Cape Province of South Africa. **Journal of Ethnopharmacology** **103**(2): 261-275.
- TOPP, E.N.; LOOS, J. & MARTÍN-LÓPEZ, B. 2022. Decision-making for nature's contributions to people in the Cape Floristic Region: the role of values, rules and knowledge. **Sustainability Science** **17**(3): 739-760.
- VENDRUSCOLO, G.S. & MENTZ, L.A. 2006. Estudo da concordância das citações de uso e importância das espécies e famílias utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, RS, Brasil. **Acta Botanica Brasileira** **20**: 367-382.



Publicado em 12-08-2025

Licenciado sob a Creative Commons Atribuição–NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0)

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

UM VIVA ÀS PLANTAS



Foto: Luci Boa Nova Coelho – @luciboanova